

50 ANOS DO COLÉGIO DE MUQUI

Lembranças de ex-alunos e passagens do diretor Dirceu Cardoso

O Colégio de Muqui completará em julho 50 anos de existência, e a Associação dos Ex-alunos, que tem na presidência a professora Erly Bueno, promoverá uma variedade de atividades esportivas e culturais.

Do velho estabelecimento de ensino só sobraram uma capela e o Grêmio Euclides da Cunha, que já está com seus dias contados para ser demolido. O resto, são lembranças de um colégio que foi durante anos orgulho dos muquienses.

Hoje, a própria cidade está em decadência. Grande produtor de café no passado, o município vive do saudosismo dessa produção e do colégio, que abrigou alunos vindos de todas as partes do Estado e do país.

Em julho próximo o ex-Gymnasio Municipal de Muqui (primeiro nome do colégio), estará completando 50 anos. A cidade neste dia terá uma festa fora de época. Suas ruas serão embandeiradas, haverá passeata, baile, jogos, almoço e uma série de outros atrativos. Mas como aconteceu a fundação do colégio? Quem estudou nele? Como era na época seu maior diretor, o hoje polêmico Dirceu Cardoso?

Em Muqui, antigamente, só quem podia pagar, mandava os filhos estudar em outros locais. Certa ocasião um dos moradores, Inocêncio Constância da Silva, teve um sobrinho que adoeceu num colégio na cidade de Pádua. O garoto, Sebastião Freitas de Lima, 14 anos, não resistiu à doença e morreu. Comparecendo ao local, Inocêncio da Silva se entusiasmou com o estabelecimento de ensino e propôs ao diretor que abrisse uma filial do colégio em Muqui, o que foi aceito prontamente. Voltando de viagem, ele entrou em contato com outros moradores e assim, o colégio começou a funcionar em 1933, sendo reconhecido pelo Governo Federal em 8 de julho do mesmo ano.

O nome inicial do estabelecimento foi Gymnasio Municipal de Muqui. O ginásio foi filial do colégio de Pádua até 1934, tendo como primeiro diretor Aníbal Perlingeiro.

Em 1935, apareceu na cidade um jovem que veio de Miracema com a intenção de comprar o colégio. O nome do interessado era Dirceu Cardoso. Contatos foram feitos para a compra, mas o visitante achou caro seu preço. Então, Inocêncio da Silva convidou Dirceu para que ele ficasse na direção do ginásio. O jovem aceitou o desafio. Nasceu aí a fama de um humilde colégio, até então.

COM O ERA O COLÉGIO

O nome do colégio de Muqui passou a correr as várias partes do Estado como sendo um estabelecimento de ensino disciplinador. O regime de internato foi implantado. O colégio chegou a ter na década de 40, cerca de 350 alunos internos, entre o sexo masculino e feminino.

O uniforme acompanhava a disciplina implantada. Eles usavam calça cáqui, blusa branca com gravata, meias e sapatos brancos.

disciplina. A coisa não era fácil. O homem era uma parada, mas um professor dos mais capacitados, uma pessoa das mais honestas. Nem na hora do recreio a coisa era facilitada. Nosso recreio era num pátio e o dos meninos no outro. No final de semana quando as internas iam para o cinema, elas eram formadas e acompanhadas na rua pela esposa do doutor Dirceu. Quando chegavam ao cinema já estavam preparadas cadeiras separadas das dos meninos".

NO ESPORTE, A FORÇA

Não só por sua disciplina rígida era conhecido o Colégio de Muqui. Também o esporte era motivo de comentário nos arredores do Estado e mesmo em outras partes do país. Seu parque esportivo era constituído de uma piscina olímpica, quadra para basquete, campo de futebol, caixa de areia, pista de corrida, barra e cavalo para exercícios.

Do colégio saíram atletas que se destacaram nacionalmente, como é o caso de Zerinho, já falecido, que defendeu a Seleção Brasileira. Gilson Mussi, goleiro titular do Botafogo do Rio, Ney, que jogou no América Mineiro. E no Estado se destacaram o Drasto, titular do Rio Branco e Jaceguay, participante da seleção capixaba.

O futebol sempre foi o forte do Colégio de Muqui, mas um outro atleta conseguiu se destacar fora deste esporte no cenário nacional: Carlos Geraldo Moscken, também já falecido. Ele conseguiu ser pentacampeão carioca e tricampeão sul-americano de salto com vara. Foi ainda atleta laureado do Flamengo, coisa difícil de acontecer.

— Tinhamos ainda os campeonatos internos das várias modalidades. Nas competições de futebol, que era o que eu disputava, até a festa de encerramento era bonita. No final, a equipe vencedora recebia medalhas, tinha o baile dos campeões com valsa e com madrinhas. A lembrança é de Olinto Beirilli, que afirma ter sido um bom jogador de futebol.

OS ALOJAMENTOS

Nos alojamentos do Colégio de Muqui, a disciplina acompanhava a rigidez do sistema de ensino. As meninas ficavam hospedadas na própria casa de Dirceu Cardoso, e os meninos em alojamentos próprios.

castigo, pôs o garoto marchando atrás dele por onde ia".

FUNDAÇÃO DO GRÊMIO

O Grêmio Euclides da Cunha foi fundado em 14 de abril de 1935. Na ocasião o professor José Victorino fez uma exposição sobre a personalidade de Euclides da Cunha e a seção teve como presidente de honra o doutor Dirceu Cardoso.

— Acho que o Colégio de Muqui tinha um objetivo e levava o aluno para este objetivo, ao contrário de hoje, quando o aluno é que leva o colégio para os objetivos dele. E o grêmio da nossa época se constituiu numa atividade muito positiva. Até as vésperas das seções ninguém sabia quem iria participar. Depois é que era colocada uma lista dos participantes. Assim todos tinham a oportunidade de se desinibir — afirma o professor Olinto que aprova os métodos usados pelo ex-diretor.

As seções do Grêmio eram realizadas quinzenalmente e constavam de defesas e teses, debates, palestras, peças de teatro e outras atividades. As eleições para a diretoria do Grêmio eram feitas abertamente. Inclusive, existiam comícios, tanto no colégio como no centro da cidade. Os três primeiros diretores do Grêmio Euclides da Cunha foram professores. O primeiro aluno que presidiu o grêmio foi Nicolau Deps.

O colégio procurava incentivar os alunos no estudo, através de medalhas ou mesmo diplomas. "O melhor aluno do ano, englobando tanto a parte feminina como a masculina, recebia uma medalha de ouro dada pela diretoria. Mensalmente eram distribuídos diplomas de honra para os três primeiros colocados do colégio", relata Maria José A. Falção, dizendo ainda que na época não se usava caderno, as explicações tinham que ser gravadas.

OUTROS EX-ALUNOS

Muqui na sua época de desenvolvimento, recebia alunos de todos os cantos do Espírito Santo e também de outros Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Amazonas. Alguns desses alunos hoje ocupam cargos de destaque no cenário estadual e nacional. José Moraes, vice-governador; Jacob Ayub, ex-superintendente do porto de Vitória; Ferinho, cozinheiro de renome; Tasso Lugon, ex-subsecretário da Secretaria do Bem-Estar Social; Senithes de Moraes, conselheiro do Tribunal de Contas e Gercino Coser, vice-presidente da Unicafé, são alguns dos alunos que passaram pelas mãos de Dirceu Cardoso.

— Eu me considero o aluno que mais tempo passou dentro daquele colégio. Não era interno, mas vivia lá. Primeiro fiz o ginásio de 37/41. O colégio até 1944 e depois fui auxiliar do professor de Matemática e também professor de admissão para formação de professores. O currículo é de Senithes de Moraes, conselheiro do Tribunal de Contas e por treze vezes presidente daquela Casa.

Para ele nenhum colégio do Estado dava tanta atenção ao aluno como o Colégio de Muqui. "Tanto na parte educacional como na esportiva, o zelo era exemplar. Para você ter uma idéia de como o colégio tinha estrutura, quando

Gercino Coser foi aluno do colégio nos anos de 1946 e 1947. Mas não chegou a completar dois anos no estabelecimento, fugiu em setembro de 47. "O doutor Dirceu até hoje ainda é rígido. Mas naquele tempo era pior. Também não poderia deixar de ser de outra maneira, tinha aluno fazendo o ginásio que estava com 18 ou 20 anos".

Numa sala do sexto andar do Centro Comercial do Café, onde ocupa o cargo de vice-presidente da Unicafé, Gercino Coser procura lembrar de passagens que marcaram o pouco tempo que passou no colégio.

— Lembro-me que bem embaixo do ginásio existiam duas guaritas, onde ficavam vigias para impedir a fuga dos alunos. Mas mesmo assim eu fugia sempre. Estava permanentemente às voltas com o quintal dos vizinhos, roubando mexirica ou banana. Mas isso era normal, minha turma não era fácil. Outra coisa que me recordo bem é dos bailes. O doutor Dirceu ficava pelos cantos nos vigiando de rabo de olho. Se por acaso o aluno ficasse apertando muito a aluna, ele vinha e esfregava a cara de um no outro.

Os alunos naquele tempo que tiravam notas baixas eram expostos a dois castigos. O primeiro se resumia naquele que tirava notas abaixo de 50. Estes ficavam privados de seus finais de semana, ou seja, não tinham direito de deixar as dependências do colégio. Outro castigo é que esses alunos passariam a acordar de madrugada para estudar.

"Tinha aluno que não gostava muito dos castigos. Cheguei a ver várias vezes alguns deles querendo enfrentar o Dirceu homem a homem, mas quando o diretor arregaçava as mangas para brigar com o sujeito, este saía correndo", mas Gercino Coser confessa que ele não expulsava ninguém, zelava pelo aluno até nisso.

Ademar Pretti, o Pelota, sócio-gerente de uma firma de café, estudou no Colégio de Muqui nos anos de 1943 e 1944. Ele conseguiu um fato inédito na vida do colégio: ser reprovado por faltas, mesmo sendo um aluno interno. "O que aconteceu é que atrás do internato tinha uma mata que era excelente para a caça. E eu adorava caçar. Para você ter uma idéia, nem prova parcial eu fazia, isto tudo para poder sair para caçar".

Gercino Coser conta também que no colégio funcionava até um banco e ele era administrado pelos próprios alunos, ficava a cargo do Grêmio Euclides da Cunha.

— Acontece que em todo colégio interno os alunos não têm segurança com seu dinheiro. Sumiço de dinheiro passa a



O colégio de Muqui era um dos mais completos do Estado

Muqui hoje vive do saudosismo da grande produção do café

O município de Muqui, situado no sul do Estado, vive hoje seus dias de maior decadência. Grande produtor de café no passado, onde chegou a exportar 120 mil sacas do produto, nos anos áureos de 1927 e 1928, hoje a decadência de sua população é registrada a cada censo. E o decréscimo demográfico é determinado pelo êxodo rural decorrente da queda da produção do café.

Atualmente o café continua sendo o responsável pela principal atividade econômica do município. A principal fonte de riqueza da região é controlada ainda pelos velhos coronéis do passado. É comum se ver nos diversos bares da cidade, fazendeiros, com seus chapéus característicos, tomando cafezinho e conversando em voz alta como se estivessem discutindo por causa de alguma coisa.

Talvez a única mudança importante que tenha acontecido de vinte anos para cá, tenha sido a alternância do poder. Durante todo esse tempo, os prefeitos eleitos foram do partido do governo. Agora, nas eleições de novembro passado, a oposição ressuscitou, e através de seus velhos opositores conseguiu eleger seu candidato pela sigla do PMDB.

Muqui vive agora do saudosismo. As lembranças atuais são das enormes produções do café das fazendas, que na época produziam até 40 mil arrobas (hoje o máximo que produzem é um terço desse total) e do Colégio de Muqui e suas passagens.

O colégio, até bem pouco tempo se preocupava mais com a "fanfarrá", sempre se preparando para concursos anuais em São Paulo. Escondia, assim, sua deficiência, na parte do ensino. Os alunos muitas vezes eram dispensados das salas de aulas para participar dos ensaios da banda, trocando assim os livros de Matemática e História, pelos taróis e cornetas. Impossível era fazer ver à diretora Maria Carmem e aos demais professores, que uma parte considerável de jovens estavam tendo seus futuros comprometidos.

juvenil da cidade disputa suas partidas em Cachoeiro, porque o campo da cidade foi vetado pela liga responsável, e com um clube, o Centro Cívico Municipal, fechando suas portas às 22 horas, em nome do pudor, o município fica sem condições de oferecer algo de divertimento aos seus moradores.

A alternativa mais viável encontrada pelo atual prefeito para divertir seus habitantes foi a construção de um pequeno monumento de concreto armado, onde uma televisão a cores foi colocada. Instalada na principal praça pública da cidade, a televisão é ligada à noite, e em pé na calçada, ou mesmo sentadas nos meios-fios dos canteiros, as pessoas passam as monótonas noites da "cidade menina".

A cada ano que passa Muqui parece perder seus moradores mais tradicionais. Ao contrário do passado, em que diversas famílias de outros locais enviavam seus filhos para estudar em Muqui, hoje a situação se inverteu. A cidade não tem um colégio que possa, de alguma maneira prender seus jovens. Logo que o primário é concluído, os pais enviam os filhos para um centro maior.

DIRCEU CARDOSO, NÃO

Muqui talvez ainda hoje poderia ter seu velho colégio conservado em grande parte, se mais uma vez a política re-vanchista não tivesse se incumbido de desmontar a imagem de um opositorista que se tornou um mito para os moradores Dirceu Cardoso.

Até o início dos anos 70 o ex-Colégio de Muqui se encontrava em grande parte com a mesma estrutura dos gloriosos anos do passado. Mas sem ninguém entender o motivo, começaram a construção do colégio polivalente. As explicações das autoridades na época era que o ensino precisava ser revolucionado e que a escola polivalente traria em sua arquitetura moderna, a transformação dos métodos de estudo. Seriam trocados os "ultrapassados" científico e normal, por cursos técnicos, que é o que o país estava

COM O ERA O COLÉGIO

O nome do colégio de Muqui passou a correr as várias partes do Estado como sendo um estabelecimento de ensino disciplinador. O regime de internato foi implantado. O colégio chegou a ter na década de 40, cerca de 350 alunos internos, entre o sexo masculino e feminino.

O uniforme acompanhava a disciplina implantada. Eles usavam calça cáqui, blusa branca com gravata, meias e sapatos pretos. As meninas tinham blusas compridas brancas quando estavam no primário, e curtas quando cursavam o Normal. As saias eram bem compridas, usavam ainda suspensórios. Qualquer parte do uniforme que estivesse faltando era motivo de repreensão por parte de Dirceu Cardoso.

Muqui ainda conta com muitos ex-alunos que relembram da época áurea do ginásio e falam com entusiasmo do estabelecimento. Olinto Beirilli, ex-aluno e há muitos anos professor de Matemática fala de seu tempo: "Era um colégio completo, você pode tirar esta conclusão analisando que temos figuras de destaque tanto estadual como nacionalmente. Para mim o internato vazia às vezes de um pai. Aprendemos a respeitar todas as datas cívicas e a nos respeitarmos mutuamente".

Mas o aprendizado da época tinha seu preço. A disciplina era mantida através de castigos que variavam dependendo do procedimento de cada aluno. "Para as disciplinas mais ousadas, existia o quartinho azul. Ele funcionava de baixo e uma escada. Tinha mais ou menos dois metros por dois. Não tinha janela, era todo curo. "Quando se fazia muita bagunça na sala de aula, éramos levados para este local. Ficávamos esperando o Dirceu, e até então, não sabíamos o que nos aguardava. Primeiro ele chegava e aos gritos esfregava régua no nariz do sujeito, mostrando todo seu aborrecimento. Depois vinha o castigo, que poderia ser, escrever uma única frase umas 500 vezes ou mesmo ficar sem o final de semana", relata Olinto Beirilli usando os gestos de Dirceu naquele tempo.

Uma outra ex-aluna que não quis se identificar, estudou no colégio de 1945 a 1951. Ela mostra retratos e o livro de recordações de sua turma e lembra que o estabelecimento era como se fosse um reformatório.

O Dirceu era muito enérgico, rígido, mas sem chegar a ser desleal. Na minha opinião ele se impunha pelo medo e não pelo respeito. Digo que o colégio funcionava como reformatório porque os alunos que não tinham mais jeito em outros lugares ou mesmo eram expulsos, vinham para o Colégio de Muqui. Lembro de um aluno rebelde, o Júlio Carneiro. Seu primeiro ato quando aqui chegou foi tirar o canivete para o doutor Dirceu. Depois, saiu chorando do colégio porque não queria ir embora.

Além do esporte que era o forte do colégio, os alunos tinham o Grêmio Euclides da Cunha um alto-falante na hora do recreio animava os alunos e nos finais de semana tinham as seções de cinema. Maria José de Almeida Falcão estudou de 1943 a 1947 e conta como era naquele tempo:

"Acho que o tempo de estudante é o melhor período da vida de um jovem. E olhe que durante minha vida de estudante enfrentei uma barra pesada com relação a

disputava, até a festa de encerramento era bonita. No final, a equipe vencedora recebia medalhas, tinha o baile dos campeões com valsa e com madrinhas. A lembrança é de Olinto Beirilli, que afirma ter sido um bom jogador de futebol.

OS ALOJAMENTOS

Nos alojamentos do Colégio de Muqui, a disciplina acompanhava a rigidez do sistema de ensino. As meninas ficavam hospedadas na própria casa de Dirceu Cardoso, onde eram fiscalizadas pela esposa do diretor e por uma outra regente. O pavilhão ficava ao lado de uma capela, que ainda hoje existe. A uns 50 metros de distância estava instalado o alojamento dos meninos. Eram três pavilhões que se dividiam entre os alunos menores, médios e maiores. Quando ouvia alguma algazarra no alojamento masculino, Dirceu Cardoso corria lá e "enfrentava" os bagunceiros.

Maria José de Almeida Falcão recorda que a hora do hino nacional, quando os alunos formavam para entrar em aula, era um instante de temor: "Se um aluno desse uma risadinha ou mesmo se mexesse, tinha que ir na frente da turma e cantar o hino nacional sozinho. Uma outra coisa que se exigia é que o aluno, quando fosse subir as escadas de madeira, fizesse isso em silêncio. Certa vez um colega, o Humberto Vieira, subiu fazendo barulho, então o Dirceu colocou o garoto subindo e descendo as escadas um monte de vezes. O perigoso era quando ele estava vestido com um terno branco, sinal que estava de mal-humor. Ninguém chegava perto, tinha-se medo até de respirar perto dele".

A ex-aluna que não quis se identificar, mas conta que nas paradas cívicas, das quais os alunos tinham que participar, a disciplina era tão rígida quanto na hora de cantar o hino nacional ou mesmo subir as escadas de madeira. "O alinhamento e ritmo da marcha acompanhando a cadência dos taróis e dos bumbo eram observados minuciosamente por Dirceu Cardoso. Lembro-me bem de um colega que estava brincando na hora do desfile. O diretor pegou-o em flagrante, e como

era menino, mas via lá. Fim do 12º ginásial de 37/41. O colégio até 1944 e depois fui auxiliar do professor de Matemática e também professor de admissão para formação de professores. O currículo é de Senithes de Moraes, conselheiro do Tribunal de Contas e por treze vezes presidente daquela Casa.

Para ele nenhum colégio do Estado dava tanta atenção ao aluno como o Colégio de Muqui. "Tanto na parte educacional como na esportiva, o zelo era exemplar. Para você ter uma idéia de como o colégio tinha estrutura, quando um aluno de Cachoeiro se destacava ou tirava em primeiro lugar na prova de admissão, era imediatamente convidado para estudar em Muqui, e com tudo pago. Na parte esportiva a coisa também se procedia assim. O atleta de qualidades que morasse em outro local, era logo atraído para nosso colégio".

colégio com um pouco de tempo se preocupava mais com a "fanfarra", sempre se preparando para concursos anuais em São Paulo. Escondia, assim, sua deficiência, na parte do ensino. Os alunos muitas vezes eram dispensados das salas de aulas para participar dos ensaios da banda, trocando assim os livros de Matemática e História, pelos taróis e cornetas. Impossível era fazer ver à diretora Maria Carmem e aos demais professores, que uma parte considerável de jovens estavam tendo seus futuros comprometidos.

Gercino Coser conta também que no colégio funcionava até um banco e ele era administrado pelos próprios alunos, ficava a cargo do Grêmio Euclides da Cunha.

Acontece que em todo colégio interno os alunos não têm segurança com seu dinheiro. Sumiço de dinheiro passa a ser coisa natural. Então criou-se um sistema de banco. Quando a mesada de determinado colega atrasava, era só ele recorrer ao banco. Quando queria dez cruzeiros, por exemplo, emprestado, assinava uma promissória de dez cruzeiros e levava nove. Isso, além de quebrar o galho do aluno, deixava o dinheiro seguro.

Até o início dos anos 70 o ex-Colégio de Muqui se encontrava em grande parte, com a mesma estrutura dos gloriosos anos do passado. Mas sem ninguém entender o motivo, começaram a construção do colégio polivalente. As explicações das autoridades na época era que o ensino precisava ser revolucionado e que a escola polivalente traria em sua arquitetura moderna, a transformação dos métodos de estudo. Seriam trocados os "ultrapassados" científico e normal, por cursos técnicos, que é o que o país estava precisando. Mais tarde, porém, soube-se o motivo da real destruição do colégio: ele representava mais que um grande colégio. Ali estava a presença viva de Dirceu Cardoso, que deveria de qualquer maneira ser destruída. Era um adversário.

E O LAZER?

Sem contar com um único cinema — o que existia deu lugar a uma loja de eletrodomésticos —, com um campo de futebol nas mais precárias condições (o time

Este 2 quartos em Jardim da Penha dá pra você dar gostar e se mudar até julho.



Todos apartamentos têm 2 cos, varanda, salão, banheiro com lavabo e dependências completas. O único marcos e portas em macanã, janelas em alumínio anod, vidro fumê, vaga privada garagem. E mais: rede de gás e local para inje. Anote seu novo endereço: R. Lopes Pereira - perto colégio, padaria, farmácias e clínicas odontológicas. Em julho próximo.

Sinal - \$ 59.562,00

PNEUS NOVOS Promoção à vista PIRELLI - DUNLOP

560 x 15	11.400,00
645 x 13	12.400,00
735 x 14	16.500,00
145 x 13	15.100,00
155 x 13	16.300,00
590 x 14	11.600,00

EQUIPUS

Av. Robert Kennedy, 438 - S. Torquato
Tel. 226-3353

Financiamento
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Incorporação / Construção

BELLA ROSA
EMPREENHIMENTOS
IMOBILIÁRIOS LTDA.

Vendas:

SKEMA
IMÓVEIS

Tel.: 227-7111

Ed. Alberto Bella Rosa